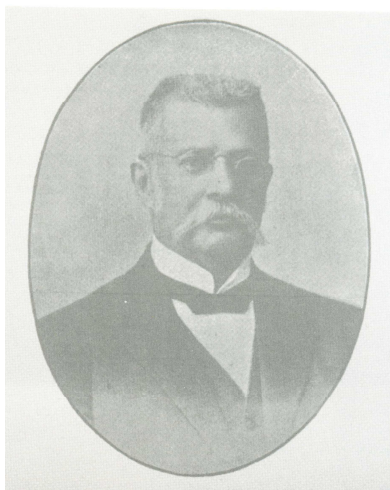


Cadeira nº 79 – Patrono

### Joaquim José de Carvalho



1850-1918

Helio Begliomini\*

José Joaquim de Carvalho nasceu no Rio de Janeiro, aos 23 de março de 1850. Era filho de Joaquim José de Carvalho e Francisca de Araujo Leitão Carvalho. Concluiu com brilho o curso completo de humanidades, em Friburgo, e, na cidade do Rio de Janeiro, foi aluno do Barão de H. Von Tautphoeus. Matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1866, e terminou o curso em 1872, após defesa da tese intitulada **Questão Médica da Consanguinidade no Matrimônio**.

Ele foi um estudante muito ativo. Apresentou em congresso uma curiosa memória redigida em francês: "*Mes Dernieres Études au Point de l'Asthme*". Ainda como estudante de medicina, foi redator da "Revista Acadêmica", colaborador da revista "Aurora" e redator literário do "Diário do Rio de Janeiro".

Foi interno dos hospitais da corte e durante alguns anos exerceu o cargo de médico-legista do Corpo Militar da Polícia do Rio de Janeiro, antes de entrar em cena, no ensino e na prática, o grande Nina Rodrigues com sua escola. Prestou serviços na epidemia de febre amarela de 1870, contratado pelo consulado italiano. Em 1872, logo após a formatura, trabalhou em Buenos Aires, onde reinava a febre amarela, como auxiliar da Comissão Médica Brasileira.

Raimundo de Menezes, em seu excepcional "Dicionário Literário Brasileiro", manancial inesgotável de preciosos informes, refere ter ele clinicado em Minas Gerais de 1872 a 1874. Dedicou-se ao magistério, lecionando nos colégios Menezes Vieira, Aquino, Pujol e Amorim Carvalho, sendo seu fundador e o diretor, e Abílio (este do grande Abílio Cesar Borges, Barão de Macaúbas).

---

\* Titular e emérito da cadeira nº 21 da Academia de Medicina de São Paulo sob o patrono de Benedicto Augusto de Freitas Montenegro.

Foi redator principal de “A Escola”, revista pedagógica do Rio de Janeiro; elaborou vocabulário extenso de Cosmografia e traduziu as fábulas de Fedro, em verso. Nessa época redigiu os seguintes títulos: “Manual de Filosofia”; “Método de Gramática Analítica” e “Noções Elementares de Geografia do Brasil”. Em 1894, ainda no Rio de Janeiro, redigiu os seguintes artigos: “Primeiras Linhas da História da República no Brasil” e “Oração Fúnebre nas Exéquias Solenes de Floriano Peixoto”.

Por volta de 1895, ele se encontrava em Curitiba, onde prestou concurso para lente catedrático de francês e da história pátria no Ginásio Paranaense e na Escola Normal. Com a tese “Morfologia do Adjetivo”, habilitou-se também para reger a cadeira de Português nesse estabelecimento de ensino. Nessa época foi nomeado professor do Liceu de Artes e Ofícios da capital do Paraná.

Joaquim José de Carvalho, médico devotado e capaz, de um labor incomensurável, em andanças por esses Brasis – Minas, Paraná, antiga Corte, São Paulo, capital e seu interior –, era católico autêntico, místico e romântico, mas objetivo, pleno de êxito em cirurgias de prognóstico reservado para o tempo; idealizador e construtor; intelectual no mais alto senso; figura marcante em seus dias, em sua época. Teve uma vida digna de ser vivida.

Exerceu a medicina vários anos em Avaré (SP). Transferiu residência para a capital paulista onde clinicou, tomando-se extremamente conhecido, principalmente nos meios intelectuais.

Lycurgo de Castro Santos Filho em “Recordação de Joaquim José de Carvalho” (nº 100 da “Revista da Academia Paulista de Letras”, maio de 1982) elucidou aspectos pouco conhecidos da vida e obra de Joaquim José de Carvalho: o verdadeiro ano da formatura, 1871; a tese que defendeu, **Das Alianças Consanguíneas e de sua Influência Sobre o Físico, o Moral e o Intelectual do Homem**; os nomes que adotara: Amorim de Carvalho e Joaquim José de Carvalho Filho (segundo Inocêncio Francisco da Silva, no seu “Dicionário Bibliográfico Português”); a existência de dois opúsculos, **O Sono**, estudo fisiopatológico, conferência em 6 de maio de 1911, e **O Catolicismo na República**, rápido estudo histórico-filosófico, com prefácio datado de Avaré, junho de 1906, impresso em Uberaba, na Tipografia da Livraria Século XX, de Aredio de Souza, editor, ambos existentes na biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Rubião Meira, em “Médicos de Outrora”, definiu-o: “de um amálgama de letras, ciência e artes é egregiamente temperado o nosso arquitato. De índole combativa, vive na liça; há sempre alguém se digladiando com ele! Com gesto enfático, anunciou um dia o advento da Academia Paulista de Letras, da qual é pai putativo e secretário perpétuo. Ao influxo de suas ideias a gente sente-se rejuvenescer, embora anoso, conserva-se frescal de corpo e de espírito”.

Joaquim José de Carvalho publicou, em 1909, na “Revista de Ginecologia e Obstetrícia”, “*Ructus Vaginalis*” (sobre flatos vaginais).

Lycurgo denominou Joaquim José de Carvalho, de forma pertinente, como homem de polimorfa cultura, individualidade indomável, persistente e invencível, a quem deve a Academia a sua existência. Antonio Carlos Pacheco e Silva, ao enaltecer o trabalho de Lycurgo, lembrou que Joaquim José de Carvalho iniciou a sua profissão como clínico geral, dedicando-se particularmente às doenças do aparelho respiratório. “Enveredou depois pela medicina legal, figurando entre os pioneiros do Brasil (...). Realizou perícias e emitiu pareceres de maior valia acatados pela nossa Justiça, que o tornaram conhecido em todo o

país, numa época em que muito poucos se consagravam ao estudo e à prática da medicina forense”.

José Joaquim de Carvalho, por aonde andou, teve clínica e não pouca. Embora residente em São Paulo ia a Santos semanalmente para dar consultas. Valdomiro Silveira, portador de crise asmática e residente em Santos, assim o descreveu. “Era ele um velho muito alegre, gordo, rosado, de conversa brilhante, ótima criatura”.

Raimundo de Menezes assim descreveu a ideia da fundação da Academia Paulista de Letras: “Numa tarde de julho de 1909, Ulisses Paranhos foi procurado pelo dr. Joaquim José de Carvalho, que sem mais preâmbulos o convidou para auxiliá-lo na tentativa de fundação da Academia Paulista de Letras, que assegurava vitoriosa, porque confiava na sua energia criadora já manifestada na organização do Instituto Pasteur”.

Aureliano Leite foi testemunha ocular dos primeiros passos para a fundação da Academia Paulista de Letras, inaugurada em 5 de outubro de 1909. Descreveu José Joaquim de Carvalho como médico morador da rua Santo Amaro, especialista de hemorroidas ou parteiro, inteligente, amante de polêmicas, grandão, a usar sobrecasaca cinza, e com suíças grisalhas. "Na salinha privativa de jantar do colégio, deram-se algumas reuniões preparatórias a que compareciam Joaquim José de Carvalho, Amadeu Amaral, Ulisses Paranhos, Cláudio de Sousa, Basílio de Magalhães, Alberto Faria, Freitas Guimarães, etc." Sem dúvida alguma, recordou: “aos esforços inexcedíveis daquele médico fanfarrão se deve o nascimento da casa que alguns querem que se chame Brasília Machado”.

Carlos Alberto Nunes, médico e homem de letras, humanista na mais alta acepção do termo, elaborou a "Pequena História da Academia Paulista de Letras", 1909 a 1955, na verdade, minudente ensaio sobre a casa de Joaquim José de Carvalho. Nas páginas a ele dedicadas encontramos um roteiro da vida e da obra do idealizador do cenáculo de Piratininga.

José Joaquim de Carvalho comentou em latim os trabalhos filosóficos do seminarista Lindolfo Esteves: *Dissertatio Circa Animae Naturam* (1906). O erudito Carlos Alberto Nunes enunciou que "praticamente, toda a obra literária do dr. Joaquim José de Carvalho desapareceu da face da terra, apesar do valor desses trabalhos e dos testemunhos irrecusáveis de sua publicação; teses de concurso, memórias para congresso, polêmicas pelos jornais e republicadas sob a forma de livros; compêndios escolares das mais variadas disciplinas: nada disso continuou vivo na memória dos pósteros, nem se conservou nas prateleiras de nossos bibliófilos, é como se não tivessem sido escritos”.

Ainda o sábio mestre Nunes refere também que "na estante acadêmica da Academia Paulista só se encontra um trabalho assinado pelo dr. Carvalho, e isso mesmo na secção de outra cadeira, não a de nº 4, por ele fundada, sob a égide de Miranda de Azevedo, uma introdução de 37 páginas ao livro de versos de Freitas Guimarães, “Fuga das Horas”.

Joaquim José de Carvalho foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Recebeu medalha de 1ª classe dos Beneméritos da Saúde Pública pelo governo italiano; da Promotora da Instrução do Rio; e foi autor de várias obras didáticas e científicas.

Na “Prévia Advertência ao Leitor”, Joaquim José de Carvalho enumerava títulos de suas atividades passadas: *Com Carlos de Laet, com Fausto Barreto, com Lameira e Pacheco, com Alfredo Gomes, com todos esses e alguns outros, que são hoje envelhecidos (menos velhos do que eu) e reputadíssimos mestres, de notória e indiscutível autoridade, fui também pedagogo; li em várias cadeiras dos mais importantes estabelecimentos de*

*ensino; fui, em longas séries e por muitos anos, examinador de quase todas as mesas de preparatórios e juiz em concursos entre candidatos ao magistério; fundei colégio meu, redigi revistas pedagógicas e escrevi livros de gramática; fui, por concurso, professor de escolas normais e de institutos secundários; enfim, por prazer e por profissão, ocupei-me acuradamente em estudos filológicos.*

Das perorações emanavam dados úteis para o levantar de suas atividades médicas: prática de operações, em 1894, no Paraná, nos dias nefastos da Revolta, quando se achava a serviço do Exército; “enxertos cirúrgicos, pelos quais e com a maior segurança prévia de feliz resultado, soldam-se ossos caninos e outros com ossos humanos” (sic). Vira-as em Niterói, repetira-as no Paraná.

Em outubro de 1905, em Barboza, no Paraná, realizara delicado ato cirúrgico para o tempo: *eu enfrentei um caso clínico em que foi mister amputar o útero, o que fiz com brilhante resultado operatório! É a histerectomia.*

Lembrou o caso em sua clínica, ocorrido em Avaré, Fazenda do sr. tenente-coronel A. P. do A. com o italiano M., “*que teve o crânio aberto em duas metades no diâmetro ântero-posterior ou linha fronto-ocipital, colhido acidentalmente por uma serra circular, que movia-se por alto vapor na atividade do engenho. Foi isto em 1905*”. Ao concluir a narração dizia: “*esse homem aí está vivo e curado; e no meu pequeno museu patológico e cirúrgico conservam-se e mostram-se as porções encefálicas que ele perdeu*”.

Ao consultar apontamentos, recordou também um caso de figura grada da imprensa carioca, ferido gravemente, com o ventre retalhado por facadas, em uma festa noturna que, por S. Pedro, aos 29 de junho, faziam os pescadores da Gamboa e Saco de Alferes. Tomou parte ativa no ato cirúrgico, que acarretou a perda de longos segmentos do tubo intestinal. Sabia-o ainda a desfrutar a placidez da idade madura, com vigorosa saúde que lhe dava a regularidade das funções orgânicas.

Católico e crente em Deus, atribuiu que a vida é essencialmente um perpétuo mistério. Demonstrava ser profundo conhecedor de Lamarck e Darwin e do pensamento de Félix Le Dantec, discípulo de Pasteur, e por este enviado para estruturar o Instituto Bacteriológico da Pauliceia.

Conhecedor também dos trabalhos de Pellat, na sala da Sociedade de Geografia, com os tubos de Geissler e Cooker, demonstradores “de que o hidrogênio ainda encerra dois mil elétrons”. Acompanhava, com “o amigo doutíssimo Estevão Leão Bourroul”, as experiências de Burke com o rádio e as possíveis decorrências dos novos tempos do conhecimento científico.

Espiritualista, era conhecedor de Platão e Galeno, Santo Hilário, Santo Irineu e Santo Agostinho, Descartes, Aristóteles, Pitágoras, Tales de Mileto, Joubert, Voltaire, Malebranche, Paul Janet, Maeterlinck e Leibnitz.

Foi fundador da Academia Paulista de Letras, embora nunca tenha sido seu presidente; médico, escritor, grande orador e benemérito católico.

Entre seus escritos, salientaram-se:

1) **Primeiras Linhas da História da República dos Estados Unidos do Brazil** (1889).

2) **O Catolicismo na República** (rápido estudo histórico filosófico). Este escrito foi pela primeira vez publicado, em 1906.

3) **Discurso** de recepção na Academia Paulista de Letras, em resposta à oração do acadêmico Spencer Vampré, na sessão de 15 de agosto de 1910.

4) **Saudação Episcopal**, nas portas do Seminário perante cerca de 25 mil pessoas, estando presente o cardeal Joaquim Arcoverde, em 2 de outubro de 1910. Acompanha-a rara fotografia com o dr. Joaquim José de Carvalho na tribuna, orando entre o cardeal, arcebispos (inclusos Duarte Leopoldo e Silva e D. Silvério Gomes Pimenta, de Mariana) e bispos.

5) **A Lítania de Satan**. Escrito sobre Baudelaire, inserto na 1ª página do extinto "Diário São Paulo", nº 1.735, de 2ª feira, 17 de outubro de 1910.

6) **S. Lucas, 18 de Outubro – À classe Médica. Evocação do Patrono dos Médicos** (1877).

7) **Mortuos Plango!** No “Comércio de São Paulo” em dia de finados (2 de novembro) de 1910.

8) **A Ciência e a Fé no Modernismo**. Conferência proferida em Campinas, a pedido de D. Barreto, Bispo de Pelotas. Nessa conferência aprecia-se a clava do lidador, do polemista habitual, combativo, sempre a defender os postulados que o animam e impulsionam.

9) **“O Médico e a Fé”**. Conferência proferida no 1º Congresso Católico Diocesano de Campinas, em 27 de abril de 1911, na qualidade de secretário perpétuo da Academia Paulista de Letras.

Profliga Renan e Lefèvre e aqueles que entendem “estar o valor duma civilização na razão inversa do fervor religioso”. Proclama as consequências do materialismo científico e das doutrinas de Comte, Darwin, Spencer e Haegel; afirma ter certeza da perenidade do “Sermão da Montanha”. Paladino do consórcio entre a Religião e a Ciência, abomina “o ódio dos homens contra a verdade”, de que nos fala Bossuet. A relembrar Cícero, nas “Tusculanas” que disse ser a medicina “uma criação imediata dos deuses”, Joaquim José de Carvalho entende a medicina um dom da Providência, uma arte digna de Deus.

Inscreveu-se para sempre Joaquim José de Carvalho como insigne esculápio a integrar a missão apostolar do médico com a crença no Deus único: *“eu sou médico, eu estudo e não encontro explicação fora da fé, para esses casos de milagre”*. Assim concluía ao narrar a cura milagrosa de preto, crioulo, moço ainda, de Avaré, que, desenganado pela ciência dos médicos, readquiriu a visão após romaria ao Santuário de Aparecida, onde recebia a divina e prodigiosa graça. Disse: *Bendita religião que arranca os prantos, prantos que dissipam as cegueiras que a ciência declara incuráveis!*

Relatou o seu caso pessoal: um abscesso do rim direito, em Avaré, 1906, em curso insidioso, com ausência de colega operador. Página antológica: *a moléstia fez seu curso danoso, e a morte era a minha perspectiva, entre dores inaturáveis, febre consumidora e autointoxicação. Eu estava confessado; minha residência cheia de caridosos amigos que aguardavam o desenlace fatal; e na antecâmara o Vigário Eliziário Bueno que espreitava o momento de dar-me a extrema unção. Eu agonizava; e minha mulher, em desesperado transe, ajoelhou-se à beira do meu leito e exalçou um voto!... Oh! divina graça!... O tumor explodiu: eu, que não emitia líquidos, vi sair pus copioso; a agonia dissipou-se em minutos; a vida voltou por milagre; e... aqui me tendes ante vós, com os meus dois rins e sãos!...*

Disse: *“Bendita Religião, em que se ouvem os votos de uma mulher aflita, a Deus o implorando por um marido!...”*

Ao terminar a insuperável palestra, continuou em paráfrases plenas de beleza e alto misticismo: *então se revela esplendorosa a vantagem da diferença entre o médico descrente e o crente: é que todos levamos ao doente o trabalho e o esforço na dedicação*

*profissional, todos levamos o estudo da ciência, e a lição das experiências; mas o crente leva ainda o mais poderoso adminículo da ciência, uma sublime fortaleza interna, um sopro místico da verdade! E pergunto: isto se combate?... isto prejudica o doente, o médico, a sociedade, a civilização, quem quer que seja?...*

*Catolicismo, bela, sublime, única Religião verdadeira, amparai-me sempre na virtude da crença, porque só em vosso prestígio tenho encontrado a explicação clara do que por aí nem chego a compreender! Amparai-me, edificante Religião, porque sou Médico e tenho Fé!...*

10) **O Médico e a Fé** (sonetos). *Em dois casos de doentes, vê-se claramente/ a compostura má do clínico descrente/ e quanto vale ser um médico com Fé.* Quatro sonetos foram recitados no fecho de uma conferência perante o Congresso de Campinas, na noite de 28 de março de 1911.

11) Na manhã de 29 de março de 1911, em Campinas, escreveu soneto dedicado “Aos Eminentíssimos Prelados no Congresso de Campinas”: *Colinas desse Templo, ó Bispos venerados/ sois vós que concentraís augustos predicados/ levitas do Senhor, com divinal unção.*

12) **Monsenhor Dr. Francisco de Paula Rodrigues**, em 3 de julho de 1912, aos 72 anos do Santo Arcediogo de São Paulo, o sublime Padre Chico.

O trabalho publicado parceladamente em três números da “Revista Médica de São Paulo”, meses de agosto (15 e 31) e setembro de 1906, tem sua dissertação contida em 18 páginas.

Registrava o dr. José Joaquim de Carvalho: *no fim de contas, sou, presentemente e realmente um velho esculápio de aldeia, sem ter com quem ao menos de oitava aprender, grande vantagem dos centros cultos e de boa convivência médica, onde a inveja morre aos pés da generosidade; onde não há interesses mesquinhos, que abastardam o caráter, porque todos absorvem-se no interesse comum da ciência; onde a emulação para saber é uma nobre verdade e uma verdade nobre, porque simultaneamente existe, é praticada com dignidade, e por isso estreita e exalta os que praticam-na. Na roça?! Eu sou, pois, um médico da roça, e, por isso testemunho dizendo: Scripsi quod scio; dicant meliora sapientes.*

Raimundo de Menezes assim descreveu seus dias finais: “O dr. Joaquim José começava a fraquejar, pouco saía de casa e a doença não lhe dava tréguas. Alguns meses depois, Ulisses, chamado pela família, foi vê-lo quase agonizando. Não parecia o mesmo. Estendido, magro, lívido, com a fronte cercada de cabelos brancos, autêntico cavaleiro de Cervantes, sobre o leito de sofrimento, aguardava a morte. Apertou a mão do amigo e balbuciou palavras de queixa e desalento. Na antemanhã seguinte, entregava a alma ao criador”.

Joaquim José de Carvalho faleceu na capital de São Paulo aos 67 anos, em 28 de janeiro de 1918.